

Ensino e Literatura no 2º. grau — problemas e perspectivas



MALARD, Letícia.

Ensino e Literatura no 2º Grau – problemas e perspectivas. Ed. Mercado Aberto.

“Neste livro, Letícia Malard aborda questões teóricas e didáticas sobre o ensino de Literatura e estilos de época e analisa textos de escritores brasileiros, entre eles Machado de Assis. Num estilo ensaístico que se caracteriza pela síntese e pela preocupação de ir diretamente ao núcleo do assunto, a autora também trata de questões polêmicas, tais como a análise literária como bricolagem, a poesia psicografada e a literatura mineira do século XVIII”. São poucos os trabalhos que se preocupam com o ensino de 2º Grau. Não há quase nada. O que há é um número enorme de livros didáticos de qualidade duvidosa que passam maquinalmente ao aluno o conteúdo que os exames de vestibular pedem. Nesses livros há pouco espaço para a reflexão.

Letícia Malard preenche esse espaço com textos sérios, profundos

e que têm uma qualidade primordial: são legíveis. Ela não só levanta e discute o problema do Ensino da Literatura Brasileira, como também aponta caminhos e sugere procedimentos.

Além de avaliar o ensino da literatura brasileira e refletir sobre o estudo da literatura através de estilos de época, há no livro uma série de outros ensaios e uma montagem de textos de Graciliano Ramos para leitura/representação.

Destacamos o instigante ensaio: “O Discurso Literário Mineiro do Século XVIII existe?”, onde a autora se mostra despojada e põe em cheque a história literária do Brasil. Ela não nega a produção textual, mas nega a existência de um grupo coeso, de uma filosofia laudatória tão comum nos governos totalitários. E concluímos esta resenha com as palavras de Letícia: “A literatura do século XVIII mineira se resumiria, grosso modo, a: poemas Vila Rica e Fábula do Ribeirão do Carmo, de Cláudio. Alguns poemas de Gonzaga, onde a situação de prisioneiro incon-

fiante sobreleva à tralha mitológica do boudoir francês e dos pastores de Teócrito. As Cartas Chilenas, pelo caráter satírico e popularesco de uma visão contra-ideológica do poder colonial.

Sua exigüidade e duvidoso valor estético chegariam a constituir-se em discurso literário das Minas? Onde estaria a marca diferenciadora do discurso produzido na Metrôpole? Se essa marca é de tal modo flutuante, por que não assumir de uma vez nossa condição de colonizado, de espoliado pela política de dilatação da Fé e do Império que, com toda a certeza, castrou ou impediu a circulação de manifestações literárias autenticamente coloniais?

Ou, se não castrou, como e por que se perderam?”

E afirmamos que embora a literatura do séc. XVIII possa não existir, este livro de Letícia deve existir nas estantes dos professores.

RONALD CLAVER
Professor Assistente do COLTEC/UFMG